

A SEMANA – 233*

15 de novembro de 1896¹

“Uma geração passa, outra geração lhe sucede, mas a terra permanece firme.”² Este versículo do *Eclesiastes* é uma grande lição da vida, e não digo a maior, porque há mais três ou quatro igualmente grandes. Mas não haverá poesia nem língua que não tenha dito por modo particular esse pensamento final do mundo. Shelley³ exprimiu apenas metade dele naqueles dois versos:

Man’s yesterday may ne’er be like his morrow;
Nought may endure but Mutability.⁴

Quem nos dá a mais viva imagem do contraste entre a mobilidade dos homens no meio da imutabilidade da natureza é Chateaubriand. Lembrai-vos do *Itinerário*; recordai aquelas cegonhas que ele viu irem do Ilisso às ribas africanas.⁵ Também eu vi

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXII, n. 320, p. 1, 15 nov. 1896), SEMMA (p. 374-378) e SEM1953 (v. 3, p. 327-333). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

¹ Aurélio Buarque de Holanda (1953, p. 327), em nota à edição desta crônica, informa: “Na ed. de *A Semana* organizada por Mário de Alencar (Livraria Garnier) esta crônica vem com título: ‘As cegonhas’.”

² Eclesiastes 1,4. (BÍBLIA, 1866, p. 660)

³ Shelley] Shelby – em GN. Acolhemos a lição de Aurélio, que já vinha em Mário de Alencar.

⁴ Dois versos finais do poema “Mutability” (1816), de Percy Bysshe Shelley (1792-1822), poeta romântico inglês. “Ao homem vai-se e não volta o momento; / Nada dura — só Mutabilidade.” [Tradução de Adriano Scandolara]

⁵ Em nota à passagem “E a imaginação dela [Virgília], como as cegonhas que um ilustre viajante viu desferirem o voo desde o Ilisso às ribas africanas” (2008, v. 1, p. 627), do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, a equipe editorial responsável pelo site *Machadodeassis.net* registra: “As cegonhas que voam para a África figuram no livro *Itinerário de Paris a Jerusalém* (1811), de Chateaubriand (1768-1848). A passagem a que o narrador alude está na primeira parte, ‘Voyage de la Grèce’. A ‘viagem’ das cegonhas do Ilisso (antigo rio que atravessava Atenas) para o norte da África aparece, também, no canto XV da obra *Os mártires ou o triunfo da religião cristã*, do mesmo autor.” Regina Zilberman (2017, p. 12), comentando a mencionada referência de Machado de Assis a Chateaubriand, observa: “Machado procede a uma mescla de citações, extraindo de *Os mártires* a referência às cegonhas que voam desde as margens do rio Ilisso – ‘Vejam estas cegonhas que se elevam neste momento desde as margens do Ilisso’ (CHATEAUBRIAND, 1810, V. III, p. 13. [Tradução de Regina Zilberman]) – e da *Viagem à Grécia* a lembrança do narrador viajante: ‘Vi, quando estávamos na colina do Museu, as cegonhas em formação de batalhão voando na direção da África. Há dois mil anos elas fazem assim a mesma viagem’ (CHATEAUBRIAND, 1811, v. I, p. 189. [Tradução de Regina Zilberman]). A combinação de trechos distintos, mas próximos por se referirem ambos a um mesmo

as cegonhas da Hélade, e peço me desculpeis esta erupção poética; nem tudo há de ser prosa na vida, alguma vez é bom mirar as coisas que ficam e perduram entre as que passam rápidas e leves... Creio que até me escapou aí um verso: “entre as que passam rápidas e leves...” A boa regra da prosa manda tirar a essa frase a forma métrica, mas seria perder tempo e encurtar o escrito;⁶ vá como saiu, e passemos adiante.

Era no arrabalde em que resido. Bastava a presença do Corcovado para cotejar a firmeza⁷ da terra com a mobilidade dos homens, e a circunstância de estar na vizinhança daquele pico a habitação do Sr. presidente da República, operado e enfermo, passando as rédeas do governo ao Sr. vice-presidente, que pouco mais distante mora, trazia uma comparação fácil, mas não menos triste que fácil.⁸ Duro é pensar nos padecimentos de um homem. Já falei no grão de areia de Cromwell,⁹ a propósito do cálculo que alterou, não a situação política, mas a parte principal do governo. Não repetirei aqui a ideia; melhor é deixar ao Sr. barão de Pedro Afonso explicar à *Cidade do Rio* as razões que o levaram a dizer que a cura estaria acabada em quinze dias,¹⁰ não o tendo cumprido por força de causas aliás persistentes.¹¹ O pior de tudo, para quem está cá embaixo, é este não poder sofrer calado e oculto, adoecer em particular, lutar com o mal e vencê-lo fora do circo e longe da plateia. A plateia romana fazia sinal com o dedo quando queria a morte da vítima. Aqui ninguém quer a morte de ninguém; mas tal haverá que, posto estime a progressiva cura do presidente, fique um tanto logrado com a suspensão dos boletins. A rua do Ouvidor, se não tem notícias, cai nos boatos.

cenário – a Atenas moderna e a clássica –, pode ser atribuída ao narrador póstumo, cuja memória da leitura de duas obras distintas de um único autor pode tê-lo levado a fundi-las. Aparentemente, o que lhe interessa é sugerir a imensidão da distância temporal entre o passado, época do caso amoroso com Virgília, e o presente da velhice dos dois, por intermédio da distância espacial que separa a península da Ática e o litoral africano. Não seria necessário ao leitor do trecho conhecer as obras originais que deflagraram a citação de Brás Cubas, bastando-lhe ter em mente o intervalo geográfico entre os continentes europeu e africano.”

⁶ O cronista observa que, inadvertidamente, compôs um verso em meio à prosa. José Américo Miranda (2017, p. 331) observa que “Machado de Assis, ouvido atento de poeta treinado, não confunde prosa com verso. Em diversos pontos de suas crônicas ele percebe que expressou algo na exata medida de um verso.”

⁷ firmeza] princesa – em GN. Acolhemos a lição de Aurélio, que, aliás, já vinha em Mário de Alencar.

⁸ Prudente José de Morais Barros (1841-1902), primeiro presidente civil da República (15 nov. 1894 – 15 nov. 1898). Afastou-se da presidência, entre nov. 1896 e mar. 1897, para submeter-se a uma cirurgia. Nesse período, assumiu o vice-presidente, Manuel Vitorino Pereira (1853-1902).

⁹ Ver “A Semana – 231”, de 1º de novembro de 1896, neste número da *Machadiana Eletrônica*.

¹⁰ Barão de Pedro Afonso (1845-1920) foi médico, primeiro presidente do Instituto Soroterápico Federal, que deu origem à Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). Em 14 nov. 1896, Pedro Afonso publicou matéria intitulada “A moléstia do presidente”, na *Cidade do Rio* (ano XI, n. 326, p. 1, col. 1, 14 nov. 1896), em que afirma que “dentro de quinze dias depois da operação que aconselhei, o doente [Prudente de Morais] estará restabelecido”.

¹¹ persistentes] prexistentes – em SEMMA; preexistentes – em SEM1953. A leitura da matéria intitulada “A moléstia do presidente” (*Cidade do Rio*, ano XI, n. 326, p. 1, col. 1, 14 nov. 1896) sugere que a forma “persistentes” é correta: em certa passagem do texto, o médico (barão de Pedro Afonso) se refere à “persistência da causa que determinou aqueles sucessos”.

Mas vamos ao meu ponto. Era no arrabalde em que moro. Pensava eu naquela limonada purgativa que uma pessoa bebeu, há dias, e ia morrendo se a bebe toda, por não ser mais que puro iodo. O rótulo da garrafa dava uma droga por outra. Do engano do boticário ia resultando mais um hóspede no cemitério, se a doente não recusa o medicamento, logo que lhe sentiu o gosto; ainda assim bebeu alguma porção que a fez padecer um tanto.¹² A lembrança do caso entrou a passear-me no cérebro, único cérebro talvez em que já existisse, tão rápido passa tudo nesta vida, e tanto me custa a deixar uma ideia por outra. Então refleti, e adverti que o descuido do boticário não teve mais processo, e posto que dos descuidos comam os escrivães, nenhum escrivão comeu deste. Tudo passou, a limonada, o iodo e a memória.

E vieram outras lembranças análogas, vagas sombras, que para logo se iam desfazendo. Uma delas foi aquele outro descuido que levou para a cova um pobre-diabo, não sei¹³ se adulto, se infante. A troca dos remédios não foi obra de propósito, mas de erro, talvez de ignorância. Não foi ação de alfaiate, ourives ou marítimo, mas de boticário também, com a diferença que uns dizem ser o próprio dono da casa, outros um seu representante. A vítima expirou. Deus recebeu a sua alma. O acidente deu que falar e escrever, e os adjetivos vadios apareceram contra o pobre autor do involuntário descuido; mas adjetivos não são agentes de polícia, e enquanto um homem ouve a palavrada do prelo não escuta as chaves no ferrolho da detenção. O descuidado acabaria solto, se tivesse de acabar; os escrivães não comeram desse primeiro descuido. Poucos dias depois creio que continuou a vender as suas drogas, e a prova de que não houvera propósito, e quando muito desazo, é que ninguém mais morreu, pelo menos até ontem.

Essa lembrança desapareceu como as primeiras. Gerações delas iam assim vindo como as do texto bíblico, umas atrás de outras, esquecidas, apagadas, mortas. Nem eram só as dos remédios trocados; as dos desfalques tinham igual destino. Quatro, cinco, seis mil contos desapareceram, como ilusões da mocidade, como opiniões de ano velho. Quem sabe já deles? Há quem cite algum, raro, ou para comparação, ou por qualquer necessidade de fundamento,¹⁴ não com ideias de processo. Os desfalques são como os amores enganados; doem muito, mas os tempos acabam de os enganar e enterrar, e, quando menos se espera, o desfalcado reza por alma do outro, se o outro morre. Se não morre, não o mata, nem lhe tira a liberdade, que é o primeiro dos bens da terra e a melhor base das sociedades políticas. Se, além de vivo, o outro gosta de dançar, dança; – ou joga, se lhe sabe o jogo, que tanto pode ser de cartas como de prendas.

¹² A notícia, publicada com o título “Envenenamento”, pode ser lida na *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 313, p. 1, col. 5, 8 nov. 1896).

¹³ sei] se – em GN. Acolhemos a lição de Aurélio, que já vinha em Mário de Alencar.

¹⁴ Aurélio Buarque de Holanda (1953, p. 331), em nota à edição desta crônica, comenta: “Assim está na *Gazeta de Notícias*. A ed. de Mário de Alencar e as anteriores ed. Jackson de *A Semana* trazem ‘argumento’, que parece quadrar melhor ao contexto.”

Todas essas sombras, desfalques grandes e pequenos, públicos ou particulares, e trocas de remédios, e doenças e mortes filhas dessas trocas, todas essas sombras impunes iam e vinham, e eu não podia com os olhos (quanto mais com as mãos!) agarrá-las, fixá-las, sentá-las diante de mim. Como Goethe, dedicando o *Fausto*,¹⁵ perguntava-lhes se me rodeavam ainda uma vez, e elas iam mais vagas que as do poeta, iam-se para não voltar mais; todas esquecidas.

Eram as gerações que passavam. Gerações novas sucederão a essas, para se irem também, e dar lugar a mais e mais, que cederão todas à mesma lei do esquecimento, desfalques e remédios. Onde está a terra firme?

Quando eu fazia esta pergunta e quase respondia Lao-Tsé, contemporâneo de Confúcio, de quem o *Jornal do Commercio* publicou há dias algumas verdades verdadeiras,¹⁶ eis que ouço o grito¹⁷ na rua, um pregão, uma voz esganiçada; era a terra firme, eram¹⁸ as cegonhas de Chateaubriand: “Um de resto! anda hoje! duzentos contos!” Homens e leis têm a vida limitada, – eles por necessidade física, – elas por necessidades morais e políticas; mas a loteria é eterna. A loteria é a própria Fortuna e a Fortuna é a deusa que não conhece incrédulos nem renegados. A cidade fala de umas coisas que esquece, crimes públicos, crimes particulares; mas loteria não é crime particular nem público. Um de resto! anda hoje! duzentos contos!



Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEMMA – *A Semana*, edição Mário de Alencar, 1922.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

¹⁵ No “Prólogo do autor” do *Fausto*, Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) dizia estar em “seu camarim, passeando e falando consigo mesmo, antes de compor o livro”, quando “entes imaginários” lhe apareceram. (GOETHE, 1919).

¹⁶ Lao-Tsé (?-531 a.C.) e Confúcio (551-479 a.C.): filósofos chineses. Não localizamos a matéria.

¹⁷ Aurélio Buarque de Holanda (1953, p. 332), em nota à edição desta crônica, informa: “Está assim, ‘o grito’, na *Gazeta de Notícias*; mas creio que o Autor, em lugar de ‘o’, terá escrito ‘um’, como se lê na ed. de Mário de Alencar e nas anteriores ed. Jackson de *A Semana*.”

¹⁸ eram] entra – em GN. Acolhemos a lição de Aurélio, que já vinha em Mário de Alencar.

Referências

ASSIS, Machado de. A Semana. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 320, p. 1, 15 nov. 1896. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=15265>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Edição coligida por Mário de Alencar. Rio de Janeiro: Garnier, 1922.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecilio, Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. A Semana. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, jul.-dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/867>>.

ASSIS, Machado de. A Semana. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 8, jul.-dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/993>>.

BÍBLIA SAGRADA. O Velho e o Novo Testamento traduzidos em Português segundo a Vulgata Latina por Antônio Pereira de Figueiredo. Londres: Oficina de Harrison e Filhos, 1866.

CHATEAUBRIAND, François-René de. *Les martyrs, ou Le triomphe de la religion chrétienne*. Paris: Le Normant, Imprimeur-Libraire; Lyon: Ballanche, Pére et Fils, 1810. v. III.

CHATEAUBRIAND, François-René de. *Itinéraire de Paris a Jérusalem et de Jérusalem a Paris*. 2. ed. Paris: Le Normand, 1811. v. I.

FRANCO, Gustavo H. B. *A economia em Machado de Assis: o olhar oblíquo do acionista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

GOETHE, J. W. von. *Fausto*. 2. ed. Poema dramático trasladado a português por Antônio Feliciano de Castilho. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1919. Disponível em: <http://www2.dlc.ua.pt/castilho/Fausto/fausto_index.htm>.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MIRANDA, José Américo. Uma poética da crônica em Machado de Assis? *O Eixo e a Roda*, Belo Horizonte, v. 26, n. 2, p. 319-341, 2017.

SHELLEY, P. B. “Mutability” / “Mutabilidade”. In: *Prometeu desacorrentado e outros poemas*. Trad. de Adriano Scandolaro. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.

ZILBERMAN, Regina. Memórias de Chateaubriand no Brasil. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Salvador, v. 19, n. 31, 2017, p. 13-17. Disponível em: <<https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/issue/view/31>>.